

Da genialidade à burocracia: uma reflexão sobre a educação a partir do texto sobre o futuro das nossas instituições de ensino de Friedrich Nietzsche

DOI:10.18226/21784612.v29.e024023

Camilo Lelis Jota Pereira¹

Resumo: Este artigo se estrutura em torno da análise das conferências de Nietzsche *Sobre o futuro das nossas instituições de ensino* (1872), utilizando-as como base para discutir a crítica do filósofo à educação de sua época e sua defesa de uma educação voltada para a *Bildung*. O texto explora a crítica de Friedrich Nietzsche ao modelo educacional alemão do século XIX, contrapondo-o brevemente ao sistema educacional moderno. Mostra-se que Nietzsche argumenta que a educação prussiana, ao se curvar ao utilitarismo estatal, compromete a formação integral do indivíduo (*Bildung*) e cria cidadãos incompletos, voltados apenas para atender às demandas políticas e econômicas da época. Além disso, se discute a relevância da crítica de Nietzsche para a educação contemporânea, argumentando que a ênfase no utilitarismo e na formação de indivíduos para atender às demandas do mercado ainda é uma realidade nos sistemas educacionais atuais. A partir da análise dessas ideias, defendemos a necessidade de uma educação que promova a autotransformação, o desenvolvimento humano integral e a liberdade de pensamento.

Palavras-chaves: Educação; Nietzsche; Filosofia da Educação; Bildung; Estado.

Abstract: This article is structured around the analysis of Nietzsche's lectures *On the Future of Our Educational Institutions* (1872), using them as a basis to discuss the philosopher's critique of the education of his time and his defense of an education focused on *Bildung*. The text explores Friedrich Nietzsche's criticism of the 19th-century German educational model, briefly contrasting it with the modern educational system. It is shown that Nietzsche argues that Prussian education, by bowing to state utilitarianism, compromises the holistic formation of the individual (*Bildung*) and creates incomplete citizens, oriented solely toward meeting the political and economic demands of the time. Furthermore,

¹ Formado em filosofia pela UFOP, e doutor em Filosofia pela UFMG. Professor da FCA/Unicamp.

the relevance of Nietzsche's critique to contemporary education is discussed, arguing that the emphasis on utilitarianism and the formation of individuals to meet market demands remains a reality in current educational systems. Based on the analysis of these ideas, we advocate for the need for an education that promotes self-transformation, integral human development, and freedom of thought.

Keywords: Education; Nietzsche; Philosophy of Education; Bildung; State.

Introdução

Após enviar o manuscrito de sua primeira obra para a publicação, em 1872, o recém professor Friedrich Nietzsche volta sua atenção para pensar o modelo educacional que se configurava entre a paisagem social da Alemanha de seu tempo. A rápida modernização pela qual a organização estrutural estatal que a sociedade prussiana se propunha passar, cujo impacto, em termos educacionais, ficou conhecido como modelo humboldtiano de educação², foi considerado por Nietzsche como uma espécie de “Leviatã”, do qual o excesso de poder previa um futuro altamente perigoso para a cultura. Ao analisar esse contexto, ele pensa que a deterioração de uma cultura, forjada por gênios poéticos como Schiller e Goethe, pelo estado militarista de Bismark poderia ser impedida apenas por uma mudança rápida de rumo educacional.

O jovem Nietzsche se inseriu em um contexto educacional alemão marcado por um intenso debate sobre a *Bildung*, um conceito complexo que pode ser traduzido como educação, formação ou cultivo, e que engloba o desenvolvimento integral do indivíduo, tanto intelectual quanto moral. Resumidamente, havia um embate entre duas visões principais de educação: uma voltada à preparação para o mercado de trabalho, com foco em habilidades práticas e profissionalizantes; outra que defendia a *Bildung* como

² O contexto histórico do modelo humboldtiano de educação está diretamente relacionado ao final do século XVIII e início do século XIX, no qual a Europa passava por grandes transformações culturais, políticas e sociais. Nesse contexto, Wilhelm Von Humboldt enfrentou crises políticas e participou de discussões sobre a reforma da educação na Prússia, sendo nomeado Ministro da Educação da Prússia em 1809, com a responsabilidade de reformar o sistema educacional do país. Em suma, Humboldt acreditava que a educação deveria ser baseada na liberdade acadêmica, na participação ativa dos estudantes na pesquisa e na integração entre ensino e pesquisa. Além disso, propôs a autonomia financeira e intelectual das universidades, permitindo que elas operassem independentemente de restrições estatais ou interesses comerciais, assim como enfatizou o desenvolvimento integral dos estudantes, não apenas em termos de conhecimento técnico, mas também em relação à formação de sua personalidade e caráter.

um fim em si mesma, buscando o desenvolvimento de qualidades pessoais e a formação de um indivíduo culto e autônomo³.

Por sua vez, Nietzsche se posicionava como um crítico ferrenho da instrumentalização da educação a serviço do Estado e da economia, condenando a formação de indivíduos meramente especializados e desprovidos de uma cultura mais ampla. Ele via nesse processo a ascensão do que chamava de “filisteu cultural” (*Bildungsphilister*), indivíduos que se consideravam cultos por possuírem conhecimento técnico, mas que eram incapazes de apreciar a arte, a literatura clássica e de refletir sobre questões existenciais.

O filósofo via a universidade da sua época como um reflexo dessa tendência, voltada para a formação de especialistas e para a pesquisa científica descolada da vida. Ele criticava a ênfase na erudição e no acúmulo de conhecimento em detrimento da formação integral do indivíduo (Nietzsche, 2016). Todavia, é importante notar que Nietzsche não se opunha ao conhecimento científico em si, mas sim à sua dissociação da cultura e da vida, defendendo uma educação que promovesse o desenvolvimento harmonioso de todas as faculdades humanas e que a verdadeira *Bildung* deveria ter como base a cultura clássica, especialmente a grega, e a filosofia, vistas como fontes de sabedoria e de valores atemporais.

Além disso, Nietzsche via com preocupação a crescente influência do Estado sobre a educação (Nietzsche, 2016), temendo que a busca por um ensino padronizado e utilitário pudesse sufocar a individualidade e a criatividade. Ao contrário, para ele, tratava-se de uma educação que promovesse a autonomia intelectual e a liberdade de pensamento, preparando o indivíduo para trilhar seu próprio caminho e se tornar quem ele realmente é. Nesse sentido, o resultado da educação prevista na modernização estatal prussiana resulta na perda do espírito classicista, no qual a formação humana mostrava-se através da liberdade, mediante um ambiente esteticamente cultivado, a almejar a concepção de cidadãos completos, e não somente burocratas e tecnocratas. Assim, previa-se que o futuro da educação formal deixaria de lado o ideal ético-estético em prol do ideal econômico. Esse movimento faz jus ao contexto moderno de uma sociedade mercantil e de certo espírito

³ Para um aprofundamento no tema, recomendamos Stolzenberg e Ulrichs (2010).

iluminista de crença no progresso comum, pelo qual a educação foi planejada em termos condizentes ao sistema econômico e social que deveria prevalecer no século seguinte. Entretanto, perdas e ganhos desse processo podem ser pensados hoje; usando da imagem criada por Hegel, com o olhar da coruja que alça voo no fim do dia, somos capazes de tecer críticas aos resultados do modelo de ensino adotado desde aquele fim de século XIX.

Desse modo, neste texto abordamos a crítica nietzschiana à instrumentalização da educação pelo Estado, o que resulta na formação de cidadãos incompletos, priorizando o utilitarismo em detrimento da cultura e do desenvolvimento humano pleno. Para tal, começo por analisar as conferências iniciais de Nietzsche (1872) e sua crítica ao sistema educacional da época. Após essa análise, visamos compreender o conceito de *Bildung* e sua importância para a formação de indivíduos livres e autênticos, discutindo a relevância da crítica de Nietzsche para a educação contemporânea. Defendemos que a crítica do filósofo, apesar de ter sido elaborada em um contexto histórico específico, permanece relevante para a educação contemporânea, pois nos leva a questionar a finalidade da educação. O artigo é dividido em duas partes: a primeira, “Cultura e Utilitarismo”, traz uma análise da ideia de instrumentalização da educação, e a segunda, “Educação e Autotransformação”, discute o conceito de *Bildung* e a importância da autoeducação para a formação de indivíduos livres e autênticos. Por fim, concluímos na direção da relevância da crítica nietzschiana no mundo contemporâneo e a necessidade de uma educação que promova a autotransformação e a liberdade de pensamento.

Cultura e Utilitarismo

De saída, cabe apontar que as considerações de Nietzsche sobre o assunto não devem ser tomadas por previsões, mas, não obstante, nos trazem um olhar apurado de quem percebeu algumas questões que só se tornariam evidentes para a maioria décadas depois. Dito isso, para introduzir nossos argumentos, temos que, entre fevereiro e março de 1872, o filósofo apresentou cinco conferências sobre educação – havia a previsão da sexta palestra, mas essa não aconteceu – que não foram publicadas em vida, mas foram reunidas e publicadas postumamente. Nietzsche

nomeou essa série de palestras proferidas enquanto era professor na Universidade da Basileia como “*Sobre o futuro de nossas instituições de ensino*”, envolvendo-se na efervescência reformista de sua época e marcando o ímpeto crítico com qual se dedica à questão.

Em geral, Nietzsche destaca duas tendências aparentemente opostas nos estabelecimentos educacionais alemães: por um lado, há o impulso de expandir ao máximo a educação dos jovens, buscando levar a formação a círculos cada vez mais amplos. Por outro lado, existe o impulso de restringir e enfraquecer a *Bildung*, exigindo que a formação renuncie às suas supostas reivindicações de autonomia e se subordine à modalidade de vida do Estado. Quer dizer, na juventude de Nietzsche, ele critica as reformas educacionais prussianas argumentando que elas promovem o enfraquecimento da “verdadeira *Bildung*” principalmente porque o Estado instrumentaliza a educação para seus próprios fins, desviando-a de seu propósito fundamental de cultivo do indivíduo, exigindo que a educação “renuncie às suas reivindicações mais elevadas, nobres e inspiradoras e se resigne ao serviço... do Estado” (Nietzsche, 2016, p.35). Ele observa que o Estado não possui um interesse genuíno na educação como um meio de alcançar a cultura, mas a utiliza para atender às suas demandas políticas e econômicas imediatas.

Para Nietzsche, o Estado alemão nascente, autodenominado “*Kulturstaat*”, é uma contradição em termos, pois apenas uma *Kultur* vibrante e politicamente independente pode ser confiada à tarefa de educar para a *Bildung*, pois esta se refere tanto ao processo quanto ao resultado da formação humana. Não se trata apenas de acumular conhecimento, mas de integrar esse conhecimento de forma orgânica à vida, criando uma unidade de estilo que se expressa em todas as esferas da existência.

No final, o homem moderno arrasta consigo uma enorme quantidade de pedras indigestas de conhecimento, que então, como no conto de fadas, às vezes podem ser ouvidas resmungando dentro dele. [...] É precisamente por isso que a nossa cultura moderna não é uma coisa viva: [...] não é uma cultura real, mas apenas uma espécie de conhecimento da cultura; [...] O processo interior é agora a própria coisa, é o que realmente constitui a “cultura”. [...] Nossa educação moderna (*moderne Bildung*) não é realmente viva porque não pode ser compreendida sem aquele contraste, ou seja, não é uma verdadeira

Da genialidade à burocracia: uma reflexão sobre a educação a partir do texto sobre o futuro das nossas instituições de ensino de Friedrich Nietzsche

educação (*wirkliche Bildung*), mas apenas uma espécie de conhecimento sobre a educação (*Bildung*). Ela permanece apenas no conceito de educação (*Bildungs-Gedanken*), no sentimento de educação (*Bildungs-Gefühl*), mas não se transforma em uma decisão educativa (*Bildungs-Entschluss*) (Nietzsche, 1997, p. 80).

Contra o modelo formativo estatal, Nietzsche apresenta seus próprios pontos de referência para uma *Bildung* autêntica, inspirados em figuras como Wagner, Schopenhauer e Goethe, mas, sobretudo, na Grécia anterior a Sócrates⁴.

Aquela pequena nação célebre de um passado não tão distante – quero dizer, esses mesmos gregos durante o período de sua maior força mantiveram um domínio tenaz sobre seu senso anti-histórico; se um homem de hoje fosse magicamente transportado de volta àquele mundo, provavelmente consideraria os gregos muito “incultos” – onde, com certeza, o segredo da cultura moderna, tão escrupulosamente escondido, seria exposto ao ridículo público: pois nós, modernos, não temos nada de nosso; só reabastecendo-nos e amontoando-nos com as eras, os costumes, as artes, as filosofias, as religiões, as descobertas dos outros é que nos tornamos algo digno de nota, isto é, enciclopédias ambulantes [...] e, desde que a memória seja continuamente estimulada por um fluxo de coisas novas que vale a pena conhecer e que podem ser guardadas arrumadas em seus cofres, finalmente se amplia o abismo duvidoso entre conteúdo e forma a ponto de completa insensibilidade à barbárie. A cultura de um povo como antítese dessa barbárie já foi, e como penso com certa justiça, definida como unidade de estilo artístico em todas as expressões da vida de um povo (Nietzsche, 1997, p. 78)

Em geral, nas considerações extemporâneas, Nietzsche provoca ao dizer que o problema da educação reside na desconexão entre seus objetivos declarados e seus resultados reais, e na maneira como perpetua uma cultura superficial que ele chama de “barbárie civilizada”, a qual traz o indivíduo como um mero instrumento a serviço de uma máquina social cada vez mais impessoal, criando um

⁴ É importante lembrar que o termo “Bildung”, no sentido usado por Nietzsche, não possui um equivalente preciso no período pré-socrático. Isso posto, a inspiração na *Bildung* da Grécia Antiga remete à tragédia, como síntese do dionisíaco e apolíneo, e à filosofia trágica, motivada pela verdade sem se curvar a dogmas ou à moralidade do costume. Ao contrário da visão otimista e racionalista que se instaura pós-Sócrates, a “*Bildung* trágica” não suprime o impulso dionisíaco em favor de uma busca limitada por verdades absolutas. Assim, Nietzsche tem em mente que, apesar do desaparecimento da tragédia atica, seu legado persiste como um ideal, simbolizando uma vida autêntica em contraste com a superficialidade da cultura moderna.

paradoxo: um estágio da história em que a humanidade, apesar de todo o seu conhecimento e capacidade tecnológica, se perde em um labirinto de valores niilistas e de comportamentos reativos.

Há, de fato, júbilo ao afirmar que agora a ciência está começando a dominar a vida: essa condição pode, possivelmente, ser alcançada; mas a vida assim dominada não tem muito valor porque é muito menos vivida e garante muito menos vida para o futuro do que uma vida anterior dominada não pelo conhecimento, mas pelo instinto e ilusões poderosas. Mas a era presente é, como dito anteriormente, suposta ser uma era, não de personalidades inteiras, maduras e harmoniosas, mas de trabalho, de utilidade comum máxima possível. Isso significa, no entanto, que os homens devem ser ajustados aos propósitos da época para estarem prontos para o emprego o mais cedo possível: eles devem trabalhar nas fábricas do bem geral antes de amadurecerem, de fato, para que não amadureçam, pois isso seria um luxo que privaria o ‘mercado de trabalho’ de grande parte de sua força de trabalho. Alguns pássaros são cegados para que possam cantar mais belamente; não acho que os homens de hoje cantem mais belamente do que seus avós, mas sei que foram cegados. Os meios, os infames meios usados para cegá-los, no entanto, são luzes muito brilhantes, muito súbitas, muito variadas (Nietzsche, 1997, p. 97-98).

Desse modo, como aparece nas palestras intituladas *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872), o conceito de *Bildung* é utilizado para se referir a um ideal de educação moderna que não se mostra vantajoso.

Agora, diga-me você mesmo, meu distinto mestre, que esperanças eu deveria ter, na luta contra uma inversão universal de todos os verdadeiros esforços de *Bildung*, com que coragem eu, como único professor, deveria aparecer, quando sei que sobre cada semente recém-semeada de verdadeira *Bildung* passará implacavelmente o rolo esmagador desta *Pseudo-Bildung*? Imagine como agora deve ser inútil o trabalho mais árduo do professor que, por exemplo, gostaria de conduzir um aluno de volta ao mundo helênico, infinitamente distante e difícil de alcançar, como a verdadeira pátria da *Bildung*: se o mesmo aluno, na próxima hora, pegará um jornal ou um romance popular ou um daqueles livros “cultos”, cujo estilo já carrega o repugnante emblema da atual barbárie da *Bildung* (*Bildungsbarbarei*) (Nietzsche, 2016, p. 29)

Nas palestras de 1872, Nietzsche chama a atenção da filosofia para as questões sobre a reforma escolar, a pedagogia a ser implementada e a importante *Technik der Bildung*: “a técnica mais delicada de todas que pode existir em uma arte... a técnica da educação” (Nietzsche, 2016, p. 43). A linguagem utilizada é o diálogo filosófico, e o cenário desse diálogo é uma região montanhosa e densamente arborizada ao longo do Reno, onde dois estudantes universitários, sendo um deles o narrador, se reúnem para praticar tiro com pistolas e se envolver em devaneios filosóficos. Eles cruzam o caminho de outra dupla, composta por um velho filósofo e uma professora de meia-idade, que aguarda a chegada de um terceiro amigo. Após um mal-entendido inicial sobre os tiros de pistola e à medida que o sol se põe, deixando a escuridão prevalecer, os dois estudantes encontram-se ouvindo uma conversa entre os dois pedagogos. O tema central da discussão é o estado da educação na Alemanha, ou melhor, o estado geral da educação, e, crucialmente, o que pode ou deve ser feito para reformá-la e revitalizá-la.

Antes de tudo, para pensar esse aspecto do pensamento de Nietzsche deve-se reconhecer a complexidade do texto, de modo a evitar se estabelecer uma correspondência direta entre a sua filosofia mais geral e qualquer um dos interlocutores desse diálogo, mesmo que alguns temas emergem de maneira clara. Com isso, temos que o principal argumento desenvolvido no bojo dessa conversação sobre o que ainda resta para ser feito da educação é que o *Gymnasium* alemão não mais educa em direção à “cultura”, pois serve de interesses políticos, e abandonou em seu currículo o ensino da vida mais nobre de todas, a grega antiga.

Em termos simples, o resgate da cultura grega marca o período classicista alemão, com fortes conotações políticas, estéticas e pedagógicas, que, nas palavras de Winckelmann, define que só imitando os gregos os seriam inimitáveis. Segundo Borheim (1975), a perda da unidade medieval não representa para os alemães uma modernização estrutural como em outras sociedades europeias, pois há um isolamento territorial que os confinara a uma situação de inferioridade cultural, que iria determinar a volta aos valores humanistas, artísticos e científicos dos gregos clássicos como uma tentativa de reintegração na vanguarda da cultura europeia. Na base desse esforço, o ideal de superioridade da cultura grega clássica

marca o esforço por educar as pessoas com base em valores tomados do mundo antigo, os quais seriam superiores na medida em que, diferente da atual centralidade do econômico, forjar o ser humano artístico, livre e autêntico era a referência central do processo formativo.

Nesse contexto, o problema que Nietzsche compartilha em suas conferências diz respeito ao diagnóstico de que as práticas educativas modernas levam a priorizar o aparelhamento do indivíduo às exigências e expectativas do aparelho mercadológico e estatal, ao invés de formá-lo enquanto ser humano. O resultado desse processo utilitarista da educação ao longo do tempo pode ser visto hoje na sensação comum da discussão escolar na qual aparenta que “pouco importa perder tempo com questões ético/filosóficas a respeito do que é o ser humano e quais são ou deveriam ser seus objetivos de vida. Tais questionamentos são tidos como inócuos visto que nada acrescentam de útil em termos de conhecimentos e habilidades requisitados pelo sistema econômico” (Goergen, 2019, p. 13).

O problema é a hegemonia dos interesses de uma esfera pública completamente entregue aos ditames do econômico, das elites e do Estado, e não de ideais éticos, criativos e livres. Em linha, Nietzsche buscou mostrar naquelas conferências que o ideal clássico de se inspirar na genialidade da cultura grega para enobrecer o presente, que permeou o debate político-cultural alemão durante um bom tempo, servindo como um ambiente de educação e de cultivo da arte, havia sido transformado e direcionado para a produção de advogados, tecnocratas e funcionários governamentais. Como o autor destaca através das reflexões do filósofo-protagonista do diálogo representado nas conferências: para os atuais estudantes do *Gymnasium*, “os helenos estão mortos: sim, ele tem sua alegria em Homero, mas um romance de Spielhagen o acorrenta com mais força” (Nietzsche, 2016, p. 37).

O argumento de Nietzsche parece um argumento comum ainda hoje nos debates educacionais especializados – ou nas salas de professores – quando substituímos a referência aos “romances de Spielhagen” por jogos eletrônicos ou apostas esportivas duvidosas que prendem mais a atenção de nossos alunos do que a “verdadeira cultura”, isto é, a maquinaria cultural do mercado encanta mais do

que o esmerado conteúdo preparado pelos educadores. É nesse sentido que ler Nietzsche pode trazer grandes colaborações para as reflexões e a prática docente, pois,

“Não! Não!” ele gritou. “Nada de duelos aqui! Vocês, estudantes, têm menos direito de duelar do que qualquer outra pessoa! Guardem suas pistolas! Se acalmem, se reconciliem, apertem as mãos! O que, será que o sal da terra, as grandes mentes do futuro, as sementes de nossas esperanças – será que nem mesmo eles podem se libertar do insano catecismo da honra e sua lei de que o poder faz o certo? Nada contra seus corações, mas isso não honra suas mentes. A linguagem e a sabedoria de Hélade e Latium foram as amas de sua juventude – esforços inestimáveis foram feitos para iluminar suas jovens mentes e corações com o brilho da sabedoria e nobreza gloriosas da antiguidade – e mesmo assim vocês escolhem como guia o código de honra cavaleiresco, o código da irracionalidade e brutalidade?” (Nietzsche, 2016, p. 22).

Como exposto no fragmento acima, o investimento do Estado na educação em nada vem contribuindo para a formação de pessoas capazes de superar o comportamento inadequado, bruto e utilitário. Na época em que Nietzsche proferiu suas palestras sobre educação perante a *intelligentsia* de Basel, na Suíça, ele se considerava finalmente pronto para “expor a natureza do sistema educacional”, uma tarefa que ele havia prometido realizar em uma carta ao seu amigo Carl von Gersdorff no final de 1870. Nas conferências, Nietzsche aponta os movimentos problemáticos na cena educacional – infelizmente conseguimos ver uma terrível analogia com o Brasil do NEM –: a expansão da educação para uma audiência cada vez mais ampla sem o devido preparo e a diminuição do ideal de formação integral do ser humano dentro dos esforços das reformas educacionais (Nietzsche, 2016, pp. 35-40).

Essas afirmações podem gerar a percepção de que Nietzsche está revelando uma postura contrária ao que hoje concebemos como uma filosofia da educação voltada à democracia, e talvez até mesmo uma inclinação reacionária, pois soa absurdo compreender como alguém poderia se opor à ideia de expandir a educação para todos os indivíduos, escolhendo apenas o que ele se refere como “espíritos elevados” sendo aqueles dotados do direito a serem educados. Todavia, podemos sugerir um questionamento sobre as motivações por trás da posição de Nietzsche em relação à educação

e como essa posição pode ser interpretada no contexto de uma compreensão mais ampla sobre a sociedade e a cultura.

Ficaram nas palestras que o alvo retórico principal de Nietzsche é o envolvimento do Estado em ambos esses movimentos. Ou seja, o futuro dos estabelecimentos de ensino exige que a educação se liberte de uma visão estatista no sentido que a atividade política imediata faz com que a o ensino “abandone suas reivindicações mais elevadas (...) e se resignem a servir... ao Estado” (Nietzsche, 2016, p. 36). O ponto é que Nietzsche se mostra altamente cético de que o Estado poderia ser confiável para organizar um sistema educacional direcionado para o florescimento humano e para colocar no plano de ensino um conjunto de atividades destinadas a elevação das aspirações sobre aquilo que pode um ser humano. Pensava ele que a referência às questões imediatas de organização da sociedade, questões de orçamento público e necessidades eleitorais tornariam a educação apenas mais uma engrenagem da máquina estatal, propiciamente sujeita a interferência de aspirações morais e religiosas, assim como reféns de um pragmatismo imediato que talham os alunos de suas potencialidades.

Em outras palavras, as promessas do Estado prussiano de expandir a educação não eram expressões de um interesse autêntico na educação para *Bildung*⁵, ou seja, educação para a realização da cultura, mas apenas de um desejo de atender às suas próprias demandas políticas ou satisfazer aquelas da economia em expansão constante. Por isso o filósofo define, adequadamente, o motivo educacional do estado pela educação é garantir dinheiro:

O que o código moral operante aqui exige é exatamente o oposto: uma educação rápida, para que você possa começar a ganhar dinheiro rapidamente, e ao mesmo tempo uma educação suficientemente profunda para que você possa ganhar muito dinheiro. A cultura é tolerada apenas na medida em que serve à causa de ganhar dinheiro, mas também é exigida tanta cultura. Em resumo: a humanidade tem uma reivindicação necessária

⁵ “A passagem do conceito de *Bildung* para a linguagem especializada ocorre em meados do século XVIII, na pedagogia do esclarecimento. Nessa época, a ideia de *Bildung* passa a ser formulada nos termos da linguagem disciplinar da pedagogia, tornando-se, no curso do distanciamento do paradigma teológico, metafísico e místico anterior, o conceito-chave da educação e do ensino. É surpreendente observar que o surgimento do conceito de *Bildung* na educação ocorreu somente no século XVIII, sendo que a analogia entre a formação e a produção artística e manual (*techne*) já existia desde Platão” (Goergen, 2017, pp. 439-440).

à felicidade terrena, e é por isso que a educação é necessária
– mas essa é a única razão! (Nietzsche, 2016, p. 27).

Educação e Autotransformação

Mesmo escrito em um contexto cultural diverso e pedregoso para o leitor hodierno, grande parte das conferências *Sobre o futuro das nossas instituições de ensino* será familiar, e poderá até despertar simpatia entre aqueles que estão envolvidos nas atividades pedagógicas ou que pensam a educação em meio às guerras culturais que extrapolam o ambiente virtual e invadem as salas de aula. Já que trata de uma esperança real de que a educação, apenas com alguns ajustes, poderia cumprir seu papel de formar moral, técnica e esteticamente um jovem para ser livre, capazes de lidar com os problemas da vida e apta a criar o mundo motivada em grandes aspirações e não apenas em preocupações pontuais da vida capitalista e burguesa.

Por sua vez, certamente chocaria nossos ouvidos a tese nietzschiana de que a educação das massas não é o objetivo das instituições de ensino, sendo a “verdadeira educação” destinada para aqueles com almas aristocráticas, pois ela enquanto tarefa do Estado impede a reforma da civilização por meio da cultura. Por outro lado, ao longo do diálogo, Nietzsche parece colocar em oposição às necessidades de muitos com as necessidades de poucos. Essa relação, e como ela se liga a uma educação enobrecida, está no cerne do texto. Contudo, podemos trazer em defesa de Nietzsche o argumento de que seu exclusivismo aristocrático não foi pensado enquanto uma política pública de educação e, assim como ele mesmo guardou seus textos e não os publicou, a questão levantada passa por um exercício de pensamento acerca de como seria possível formar os novos cidadãos de modo que sua intelectualidade estivesse mais preocupados com os aspectos grandiosos, artísticos e existenciais do que com o nacionalismo militarista que Nietzsche já acusava permear as entrelinhas das reformas pedagógicas implantadas no século XIX – cujos resultados negativos foram colhidos no século XX e sentidos até nossos dias.

Há uma expectativa de criação de uma cultura autêntica através de mudanças nas instituições de ensino, na qual “o jovem professor Nietzsche sonha com um ideal de educação que o estudo

dos gregos pré-platônicos lhe revelara, uma educação ancorada nas experiências de vida de cada indivíduo” (Dias, 2003, p.32). A questão da liberdade de espírito é contraposta à erudição vazia, na qual existe uma falsa ideia de autonomia do pensamento que se confunde com a domesticação do aluno, a criação de uma criatura dócil cuja subjetividade é forjada apenas dentro do interesse burguês. Portanto, a má educação é o problema disputado, e não o elitismo educacional que alguns críticos se fixam⁶.

Nesse sentido, suas palestras argumentam explicitamente pela criação de instituições verdadeiramente educacionais, as *Bildungsanstalten*, pois instituições voltadas para a *Bildung*, ou seja, para a formação integral e desenvolvimento do ser humano. Diferente da *Erziehung*, palavra que se refere à educação no sentido de instruir crianças no processo de formação moral e comportamental, a *Bildung* cujo filósofo se refere passa por ser uma educação que engloba a ideia de educar para um processo de autodesenvolvimento, que visa não apenas adquirir conhecimentos técnicos, mas também desenvolver habilidades, valores e uma compreensão mais profunda do mundo e de si mesmo.

O âmbito crítico desse programa emerge já nos primeiros momentos da sua trajetória intelectual, sendo que suas obras de juventude ajudam a dimensionar o exercício de pensamento que o filósofo traz sobre a “tarefa de formação”. Nesse contexto, o ensaio *Schopenhauer como Educador* marca um ponto alto da crítica de Nietzsche à educação moderna, sendo ele uma constatação da vocação pedagógica da filosofia na cultura e a tarefa do filósofo como educador. Quer dizer, para Nietzsche, o filósofo educador assume a missão de indicar um caminho e de preparar as condições propícias para a emergência do espírito livre. Por meio da formação de um si próprio autêntico de cada educando, fomentar as suas capacidades singulares para pensar e para agir, promovendo, então, uma personalidade artística e apta a responsabilizar-se por si mesmo.

Nesse sentido, essa filosofia da educação retoma uma vocação já incorporada pela filosofia na pessoa de Sócrates: aquela missão essencialmente política de cuidar de si e cuidar dos outros, e, sobretudo, de cuidar da cidade. Ao recuperar a dimensão

⁶ Cf. SOLOMON, R.; HIGGINS, K. *What Nietzsche really said*. New York, NY: Schocken Books, 2000.

pedagógica da filosofia, Nietzsche pensa no papel do filósofo como a má consciência do seu tempo; a filosofia como uma atitude capaz de incomodar, provocar e inquietar, de modo a colocar-se intempestivamente contra uma atualidade que, sob a aparência de obediência e ordem, se constitui afeita à possibilidade de um regime autoritário, como um povo de caráter dócil, isto é, apto a se submeter passivamente. Desse modo, Nietzsche traz para o quadro de análise o fato de que uma filosofia abarcada pelo Estado – podemos fazer uma analogia com os documentos que orientam os currículos de filosofia na educação nacional – perde aquilo que lhe é mais precioso, ou seja, se torna incapaz de oferecer perigo, enfraquecida em seu papel subversivo.

Ora, percebe-se o que os negociantes querem quando exigem incessantemente instrução e formação, é sempre, no final das contas, lucro (Nietzsche, 2018). A questão é que Nietzsche entende que essa instrumentalização do ensino constitui um dos anseios mais obstinados da civilização moderna, uma sociedade inebriada com o mito do desempenho maximizado. A supressão dessa condição caótica da educação é a principal tarefa da crítica cultural e da formação nos textos de juventude de Nietzsche, de modo a encontrar na conjuntura de fragmentação e instrumentalização do conhecimento seus pontos de ruptura, as possíveis linhas de fuga, ou seja, contornar a subordinação da vida ao logos e o atrelamento da formação a exigências heterônomas, como visto na posição subordinada e servil da filosofia no ensino médio brasileiro.

Nesse sentido, *Schopenhauer como Educador* também é um ensaio que, a nosso ver, marca o caminho trilhado para a libertação das normas sociais, de modo a ser possível o espírito livre florescer. Isso porque, o tema que mais se destaca tanto em *Schopenhauer como Educador* quanto nas obras do espírito livre é o de “tornar-se quem se é”, o qual Nietzsche conecta à produção de cultura e gênio na forma do filósofo artista. Destarte ele defende que as opiniões e costumes do rebanho são o principal obstáculo para a promoção da cultura e do gênio, portanto, se alguém quer promover a cultura e tornar-se quem é, deve primeiro libertar-se das “cadeias do medo e da convenção”, sendo que a educação trata mesmo é dessa libertação: a remoção de todas as ervas daninhas, entulhos e vermes que querem atacar os brotos tenros da planta (Nietzsche, 2018, p. 17).

É importante ressaltar que a libertação das normas sociais não representa um objetivo em si mesma, mas sim a condição necessária para que o espírito livre possa florescer. Somente ao se libertar das amarras das convenções e dos modelos impostos é que o indivíduo pode trilhar seu próprio caminho e desenvolver sua singularidade. Nesse sentido, *Schopenhauer como educador* não se limita a criticar as normas sociais, mas apresenta um projeto propositivo de autoeducação, no qual o educando, uma vez livre de amarras, abre-se a outros devires, até mesmo definindo seus próprios valores e dando forma à sua própria existência.

Em *Schopenhauer como Educador*, portanto, Nietzsche formula seu desejo por um exemplar de filósofo-professor. Este ensaio traz a ideia de que ainda poderia haver a redenção da cultura por meio de gênios que nos guiassem para fora do atoleiro de nosso tempo. Todavia, Nietzsche permanece cético em relação a uma resolução cabal dos problemas com os quais estamos lidando ao pensar a educação e o futuro da sociedade através do ensino. A dinâmica de questionamento é sobre a falta de tolerância com um arranjo trágico do mundo, no qual uma cultura fragmentada leva os indivíduos a buscarem com muita urgência encontrar um terreno firme em algum lugar, em qualquer lugar, de modo que se tornam vítimas fáceis dos novos filisteus. Que, assim como ocorre em nossa época de redes sociais, Nietzsche via como mercadores de soluções falaciosas e acessíveis para problemas complexos.

E como vê o filósofo a cultura em nosso tempo? Muito diferente, sem dúvida, daqueles professores de filosofia contentes com seu Estado. Para ele é quase como se percebesse os sintomas de uma total extirpação e erradicação da cultura, quando pensa na pressa geral e na crescente velocidade da queda, na suspensão de toda contemplatividade e simplicidade. As águas da religião refluem e deixam para trás pântanos ou poças; as nações se separam outra vez com a maior das hostilidades e querem esquarterar-se. As ciências, praticadas sem nenhuma medida e no mais cego *laissez faire*, estilhaçam-se e dissolvem toda crença firme; as classes cultas e os Estados civilizados são varridos por uma economia monetária grandiosamente desdenhosa. Nunca o mundo foi mais mundo, nunca foi mais pobre em amor e bondade. As classes eruditas não são mais faróis ou asilos, em meio a toda essa intranquilidade da mundanização; elas mesmas se tornam dia a dia mais intranquilas, mais desprovidas

de pensamento e de amor. Tudo está a serviço da barbárie que vem vindo, inclusive a arte e a ciência de agora. O homem culto degenerou no pior inimigo da cultura, pois quer negar com mentiras a doença geral (Nietzsche, 1983, pp. 292-293)

Existe um problema civilizatório quando mesmo as personalidades mais finas de nosso tempo são incapazes de serem sinais de direção, mestres ou professores para os outros. Educadores morais, que podem prometer nos libertar de nós mesmos, são necessários com tanta urgência porque estão tão desesperadamente ausentes. Nenhum, nem mesmo os melhores, permanecem tão firmes e sólidos em seus pés a ponto de poderem entregar o que prometem – todos estão à deriva. Assim, embora Nietzsche tenha ansiado por “um verdadeiro filósofo como educador”, oferecendo o exemplo de sua vida, na medida em que o educador capaz de resignar a educação sai de cena, a questão se torna a luta pela autoeducação.

Pois há homens que sentem como sua desgraça verem este lutar com esforço e em perigo de destruir a si mesmo, ou suas obras postas de lado, com indiferença, pelo egoísmo míope do Estado, pelo sentido raso dos negociantes, pela seca moderação dos eruditos: e assim espero também que haja alguns que entendam o que quero dizer ao apresentar o destino de Schopenhauer e por que, segundo minha representação, Schopenhauer como educador deve propriamente *educar* (Nietzsche, 1983, p. 296).

Desse modo, o “dever de me educar” é aquilo que a filosofia pode ensinar. Ou seja, o jovem Nietzsche esperava descobrir um filósofo que pudesse ser seu guia final, um educador em quem ele teria mais fé do que em si mesmo, mas a vivência filosófica o levou a perceber-se como educador de si.

O mundo em que Nietzsche viveu não é o nosso mundo. Nosso contexto cultural se organiza por elementos diferentes daqueles vividos no final do século XIX, mas, não questionando a pertinência de um debate extemporâneo sobre o emprego dos conceitos, julgo que o mais importante é pensar sobre os possíveis sentidos teórico-práticos das reflexões nietzschianas ainda significativos para analisar a questão do ensino no mundo contemporâneo.

Trocando em miúdos, Nietzsche nos ensina que a filosofia, em sua essência, nos confronta com a necessidade de autoconhecimento e autotransformação, incitando-nos a assumir a tarefa da educação.

Esse dever não se trata apenas de acumular conhecimento, mas sim de cultivar a capacidade de pensar criticamente, questionar as normas estabelecidas e buscar a autonomia intelectual. A filosofia nos ensina a duvidar, a questionar as verdades pré-estabelecidas e a criar soluções através de conceitos. No caso da educação, podemos vislumbrar o “dever de nos educar” como um processo de resistência,, um esforço contínuo para nos libertarmos das amarras do fundamentalismo e das forças sociais que buscam nos moldar de acordo com seus interesses. A filosofia, nesse sentido, atua como um guia nesse processo de autoeducação, não porque nos mostra a sua história, mas porque nos fornece as ferramentas intelectuais para realizarmos essa empreitada, por construir nossa própria visão de mundo, nos conduzindo à autonomia e à liberdade de pensamento. Aprender a filosofar é, portanto, aprender a pensar por si mesmo, a assumir as rédeas da própria formação e se tornar responsável pelas próprias escolhas e ações.

Conclusão

Nietzsche está “primariamente envolvido na transformação pessoal, ou transformação da alma... Isso se refere tanto à sua própria autotransformação por meio de seu pensamento e de sua escrita, e, mais importante para nós, à nossa autotransformação, como seus leitores” (Salomon, 2003, p. 11). Assim, se a questão é a liberdade construída socialmente na medida em que o indivíduo se auto educa em um espírito livre, as tentativas convencionais de doutrinação são ineficazes. Ou seja, não basta ensinar sobre um conceito que faz com que o aluno incorpore seu significado, é preciso a dimensão da vivência – a simples evidência científica racional é ineficaz para efetuar a transformação desejada.

Dessa tese segue que é falsa a crença que simplesmente apresentar provas seja suficiente para mudar a maneira como as pessoas vivem ou percebem o mundo. Para provocar uma mudança profunda, como Nietzsche afirma mais tarde no livro *Aurora*: “Não é suficiente provar algo, é necessário também seduzir ou elevar as pessoas para isso. É por isso que o homem do conhecimento deve aprender a falar sua sabedoria: e muitas vezes de uma maneira que pareça loucura!” (Nietzsche, 2004, p.330). A educação, portanto,

não pode depender exclusivamente da forma proposicional para a sua transformação.

Nesse contexto, a *Bildung* é uma tentativa estendida, contínua e unificada de expressar um ideal de florescimento humano, pelo qual é a tarefa maior dos estabelecimentos de ensino promover no estudante, para a civilização, a visão de uma boa vida. Ensinar a ser transgressor e livre para forjar o mundo no qual a vida ganha sentido. Trata-se de entender a educação como forma de promover valores, de propiciar esteticamente ao aluno a apropriação, pelo seu poder sobre o naco de realidade que ele constrói, do espaço aberto a construções sempre novas. Assim, se a arquitetura básica da educação é promissora, o problema é a sua prática efetiva nas instituições de ensino. Dentre um mar de problemas na operação educacional, a dinâmica atual da relação educativa parece nos conduzir a uma decepção perpétua, fazendo-nos oscilar entre esperança e desespero, entre ideais inatingíveis e a busca no passado como esperança de uma fonte de inspiração redentora, embora permaneçam para sempre além de nosso alcance.

Há um perigo que nos “engendra uma inquietação, uma desordem na alma moderna” e excita a “apatia e repugnância” (Nietzsche, 1997, p. 133). É assim que o jovem professor Nietzsche acusa as instituições educacionais de nos diminuir enquanto promete nos elevar. Mesmo com essas críticas, Nietzsche entende a promessa de uma verdadeira educação ao abrir sua primeira palestra em 1872 assim: “o tópico que vocês decidiram refletir comigo hoje é tão sério, tão importante e, em certo sentido, tão desconcertante, que eu, assim como vocês, ouviria qualquer pessoa que promettesse me ensinar algo sobre isso, não importando quão jovem fosse” (Nietzsche, 2016, p 19).

Daí o personagem principal do diálogo em determinado momento cair em um frenesi dirigido àqueles que associariam a “verdadeira educação” da qual ele fala a algum tipo de idealismo:

De todos os reinos da distinção intelectual, acusadores surgem para te acusar. Quer eu olhe para escritores, filósofos, pintores ou escultores – e não apenas aqueles com os maiores dons – vejo nada além de talentos imaturos, superexcitados, prematuramente esgotados, queimados ou congelados antes de atingirem a maturidade, e em toda parte sinto a ‘resistência do mundo obtuso’ da qual você é

culpado. Isso é o que quero dizer quando exijo verdadeiras instituições educacionais e denuncio como lamentáveis os lugares que ostentam esse nome hoje (Nietzsche, 2016, p. 64).

De fato, como educadores, somos defensores da educação, por isso devemos acreditar que nossa profissão triunfará contra tudo o que deprecia a educação aos nossos olhos. Nesse sentido, essas palestras nietzschianas não tratam de oferecer uma defesa típica da “verdadeira cultura” contra sua corrupção por pessoas inapropriadas, mas, ao contrário, o ponto mobilizado é a defesa da educação que se protege contra o instrumentalismo, ou seja, preocupada em valorizar o papel do genuíno educador, e promove o ensino como um processo de refinamento e autotransformação.

O verdadeiro educador está preocupado com a liberdade, não se deve ficar preso somente em efetivar o interesse das instituições de ensino – sempre há oportunidade da rebeldia. O que pode marcar a diferença nas instituições educacionais é a maneira como cada uma orienta seus alunos para lidar com a própria existência: seja promovendo sua afirmação ou conduzindo-os a uma indeterminação criativa. “Quanto a mim, só conheço *uma única* verdadeira oposição, aquela que existe entre os *estabelecimentos para a cultura e os estabelecimentos para as necessidades da vida*: à segunda categoria pertencem todos os estabelecimentos que existem, mas ao contrário, é apenas da primeira que falo” (Nietzsche, 2016, p. 68).

As instituições educacionais, portanto, devem visar a formação de um espírito livre, capaz de pensar por si mesmo e de resistir à massificação e à homogeneização promovidas pela sociedade moderna. Essa formação se dá em oposição à mera instrução técnica ou profissionalizante, que Nietzsche via como limitante e redutora da potencialidade humana. O filósofo defendia uma educação baseada nas fontes de sabedoria atemporais, capazes de nutrir o espírito e de despertar a capacidade crítica, no qual a autonomia intelectual e a liberdade de pensamento estavam sempre em jogo, permitindo ao estudante construir seu próprio caminho. A formação de um espírito livre exige tempo, contemplação, contato com a arte e com a literatura, elementos que se contrapõem à pressa e à superficialidade do mundo moderno, sendo a figura do educador crucial nesse processo. Ele deve atuar como um guia, um

provocador que inspire o aluno a pensar por si mesmo e a trilhar seu próprio caminho, sem tentar moldá-lo à sua imagem e semelhança. O verdadeiro educador, na visão de Nietzsche, é aquele que desperta a coragem da verdade no aluno, preparando-o para enfrentar os desafios do mundo e para construir uma vida autêntica.

Referências

- BORNHEIM, G. *Introdução à leitura de Winckelmann*. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- DIAS, R.-M. *Nietzsche educador*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2003.
- GOERGEN, P. Bildung ontem e hoje: restrições e perspectivas. *Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 24, n. 3, p. 437-451, set./dez. 2017.
- GOERGEN, P. Entre o conhecimento e a verdade: o desafiador dilema da educação contemporânea. *Espacios en Blanco: Revista de Educación*, v. 2, n. 29, p. 9-24, 2019.
- NIETZSCHE, F. *Aurora*: Reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. *Obras Incompletas*. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).
- NIETZSCHE, F. *On the future of our educational institutions*. Tradução: D. Searls. New York, NY: New York Review Books, 2016.
- NIETZSCHE, F. *Schopenhauer como educador*. São Paulo: Moderna, 2018.
- NIETZSCHE, F. *Untimely meditations*. Tradução: R. J. Hollingdale. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 1997.
- NIETZSCHE, F. *Über die Zukunft unserer Bildungsanstalten*. Berlin: Holzinger, 2013.
- SOLOMON, R.; HIGGINS, K. *What Nietzsche really said*. New York, NY: Schocken Books, 2000.
- SOLOMON, R. *Living with Nietzsche*: What the great “immoralist” has to teach us. Oxford, UK: Oxford University Press, 2003.

STOLZENBERG, J.; ULRICH, L.-T. *Bildung als Kunst*: Fichte, Schiller, Humboldt, Nietzsche. Berlin: New York: Walter de Gruyter GmbH & Co., 2010.